# Introdução

 Como projeto da matéria de Temas e Prática em Relações Internacionais, do Instituto de Relações Internacionais da USP, o presente ensaio é realizado tendo em consideração as palestras desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2019. Coordenado pelos professores Pedro Bohometz de Abreu Dallari e Jacques Marcovitch, o programa visa agregar visões de personalidades internacionais e o conhecimento acadêmico em uma série de palestras, organizadas para tal objetivo de realizar o intercâmbio de informações.

 Tais palestras são abordadas nesse estudo. O objetivo de analisa-las é extrair a essência da função, desenvolvimento e previsões dos trabalhos dos palestrantes, já que as relações internacionais podem ser observadas de maneira multidisciplinar entre os diversos cursos que agregam a matéria lecionada na Cidade Universitária da USP, em São Paulo.

 Desse modo, os projetos de Enrique García, Simone Casabianca-Aeschlimann, Roberto Teixeira da Costa e Marcos Sawaya Jank são alvos de suaves conceituações e observações críticas acerca de suas palestras.

Sumário

[Introdução 2](#_Toc20996848)

[Sobre as palestras 4](#_Toc20996849)

[Enrique García – Desafios da América Latina 4](#_Toc20996850)

[Simone Casabianca-Aeschlimann – Comitê Internacional da Cruz Vermelha 5](#_Toc20996851)

[Roberto Teixeira da Costa – Mercado de Capitais 6](#_Toc20996852)

[Marcos Sawaya Jank – Tendências no comércio internacional e seus desafios 7](#_Toc20996853)

[Conclusão 8](#_Toc20996854)

[Bibliografia 9](#_Toc20996855)

# Sobre as palestras

## Enrique García – Desafios da América Latina

O palestrante Enrique García ocupa a Cátedra José Bonifácio da USP, uma iniciativa do Centro Ibero-Americano, que propõe a participação de personalidades internacionais na Universidade a fim de que pesquisas e ensino sejam compartilhados.

 Inicialmente, o catedrático insere na discussão a disputa comercial entre Estados Unidos e China, dizendo que o primeiro tem tendências de protecionismo e de manutenção das instituições tradicionais com Donald Trump, enquanto o outro país de Xi Jinping apresenta uma economia fechada com discurso de abertura. Nesse contexto, está a introdução da 4ª Revolução Industrial, com novos instrumentos tecnológicos que podem ser fatores de influência em crises políticas, tal como as que resultaram do conflito previamente citado.

 A proposta de Enrique García é, primariamente, uma reforma na infraestrutura latino-americana, visto que os países do continente necessitam de esforço para retomar o crescimento, mesmo que tenham sido empreendidas modificações nos anos 2000. Essa sugestão é feita tendo em vista que a produtividade é um pilar fundamental para o desenvolvimento econômico brasileiro e, em comparação a países como a Coréia do Sul, existiram empreendimentos relacionados a estabilidade macroeconômica, eficiência dos sistemas internos e externos, equilíbrio ambiental e acesso à educação, saúde e condições a empreendedores.

 Além do mais, García utiliza a China como exemplo para a aplicação de uma política de alta tecnologia na produção econômica. O catedrático, ainda, ressalta a necessidade para o Brasil de um salto de um modelo concentrado em matérias-primas para um mais diversificado na economia do país, dizendo que uma convergência entre o MERCOSUL e a Comunidade Andina foi buscada no governo de Fernando Henrique Cardoso, a fim de estimular a integração e expansão das modalidades comerciais brasileiras.

 Nesse sentido, Enrique García conclui que deve ser prioridade da América Latina buscar meios de integração nacional, aliados a investimentos em infraestrutura que maximizem a economia dos países membros desse grupo, tendo em consideração, também, os aspectos ambientais e sociais das comunidades existentes nessas localidades.

## Simone Casabianca-Aeschlimann – Comitê Internacional da Cruz Vermelha

 A palestrante é chefe da delegação regional do Comitê Internacional da Cruz Vermelha para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, papel de representatividade, tendo em vista a notável atuação do Comitê no âmbito das relações internacionais. Curiosamente, Casabianca-Aeschlimann estava presente no Haiti quando o terremoto ocorreu, sendo uma das sobreviventes.

 A representante do Comitê Internacional explica que o papel da organização no mundo é proteger a vida e a dignidade das vítimas de conflitos armados e outras situações de violência, esforçando-se para prevenir o sofrimento humano mediante a promoção e o fortalecimento do Direito e dos princípios humanitários universais. Presente em 90 países, a Cruz Vermelha possui autoridade em casos de guerra, a fim de reforçar os princípios os quais tem como objetivo, como determinado pela Convenção de Genebra.

 Quanto ao cone sul, Simone expressa que a missão aqui é mitigar o impacto da violência. Ela ressalta também o trabalho com autoridades para lidar com pessoas desaparecidas e as barreiras decorrentes da ausência de armazenamento de dados suficientes e o fato de as famílias das vítimas não possuírem orientação adequada na busca. Além do mais, é destacada a necessidade de inovação no trabalho no Brasil, tanto no sentido tecnológico como burocrático, com o objetivo de cumprir a missão estabelecida para a América do Sul e seus diversos países.

 Além do mais, a representante do Comitê aborda as tendências que impactam o trabalho humanitário. Os recursos disponíveis, dentre o que é citado, provêm de empresas que, normalmente, possuem altas exigências para seu uso; as políticas internas das organizações com as quais a Cruz Vermelha lida e as questões dos países também são debatidos; por último, a pertinência das necessidades dos beneficiários do Comitê Internacional é alvo de análise da mesma maneira.

 A partir das informações apresentadas, acrescenta-se que o Comitê Interacional da Cruz Vermelha tem o dever próprio e de seus membros de serem neutros, imparciais e independentes em relação aos conflitos lidados, objetivando a proteção e mediação das questões abordadas. Como tendência para essas missões e para os diversos trabalhos da CICV, estão as guerras cibernéticas, parte dos novos desafios contemporâneos nos empreendimentos humanitários da organização internacional tão aclamada.

## Roberto Teixeira da Costa – Mercado de Capitais

 Roberto Teixeira da Costa foi o primeiro presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). O economista carioca realiza uma análise do mercado de valores desde a década de 1960 até a atualidade, pontuando os investimentos públicos e privados nesse período e as tendências correspondentes a cada momento ultrapassado pelo Brasil e pelo contexto global.

 Iniciando pela década de 60, como mencionado, é apontado que vender ações no Brasil tornou-se inviável naquele ambiente. O fato de os títulos de renda fixa, em geral, terem tido um papel negativo no cenário econômico brasileiro e a notável perda de fortunas são representadas pelas criações legislativas como a Reforma de Capitais, que marcou a formação do Banco de Investimentos do Brasil, e a Lei 6404, que visava a proteção ao investidor e criar a Comissão de Valores Imobiliários.

 A partir dessas conceituações históricas, Costa introduz que a cultura do investidor não se restringe a especular a bolsa, mas está atrelada ao dividendo, cujo rendimento é dotado de influência. Essa concepção é utilizada, assim, para que se enxergue que o mercado de capitais é um instrumento fundamental para que as empresas possam se desenvolver e crescer.

 O economista também realiza uma alusão histórica às décadas de 70 e 80 no Brasil. Para ele, o motivo da crise de capitais que ocorreu de 1971 a 1975 se deu ao fato de os brasileiros estarem despreparadas para investir em ações naquele momento. Já nos anos 80, Teixeira destaca o título de “década perdida” para tal contexto: a inflação encontrava-se em níveis altíssimos e as instituições financeiras possuíam recursos congelados no Banco Central, fomentando tal denominação para o período.

 Finalmente, Roberto Teixeira da Costa parte para a atualidade. É dito que, desde os anos 2000, existe o desafio em se criar um órgão de relações internacionais no Brasil que seja responsável por incentivar as ações no mercado de capitais, sendo que o país, como mencionado pelo palestrante, tendeu a se isolar das ações mundiais desde a crise de 2008. Como complemento, ele menciona a questão migratória e o anseio contemporâneo em se preparar os novos investidores para o “agora”, tendo em vista que as modificações ocorrem em demasiada velocidade com inovações tecnológicas, sendo, assim, elementos que se mostram interferências no mercado de capitais.

## Marcos Sawaya Jank – Tendências no comércio internacional e seus desafios

 O professor do Insper, Marcos Jank, é também colunista no jornal Folha de São Paulo e pesquisador sênior do agronegócio global. Na palestra em questão, Jank analisa a relação da Ásia com o mundo no setor agrícola e aponta os fatores históricos, sociais e econômicos que tornaram o continente relevante para exportação de produtos do agronegócio brasileiro.

 Primeiramente, o professor aponta que a Ásia representa a maior parte da população do mundo, especialmente no sul e sudeste da região, motivo pelo qual seus países são dignos de estudo mais aprofundado. Quanto à questão histórica desse território, é mencionado que o continente sempre foi dominante no contexto global, sendo que seu declínio se deu com a ascensão dos Estados Unidos. Ele ressalta, ainda, que o reerguimento asiático ocorreu com a inserção de milhões de pessoas na classe médias, citando que quase 300 milhões de chineses migraram para a cidade nos últimos 30 anos.

 A guerra hegemônica contra os Estados Unidos é apontada como o grande conflito do século XXI. O embate situa-se em esferas que relacionam poderio militar, controle de internet, tecnologia e preponderância na economia global, sendo uma potencial marca de poder nas relações internacionais. Sendo deficitária em recursos naturais, a Ásia mostra-se novamente importante para o agronegócio, fator que contribuiu para a disputa diplomática e econômica entre os países.

 Jank menciona que o Brasil obtém benefícios da disputa entre os eixos Oriental e Ocidental. As exportações de insumos agrícolas realizadas pelos Estados Unidos em direção à China sofreram restrições taxativas do presidente Donald Trump, prejudicando o país asiático nesse setor. Dessa maneira, são analisadas as características da agropecuária brasileira e sugeridas modificações em sua estruturação, a fim de manter os níveis de crescimento contemplados pela guerra comercial.

 Nesse sentido, Marcos Jank cita a representatividade, a internacionalização, a disponibilidade de recursos naturais, a bioenergia e outros como bases para a agricultura brasileira. Além do mais, defende que são necessários acordos comerciais e inovações no país, tendo em vista que, mesmo que a produção tenha quadruplicado desde 2005, poucos incentivos foram realizados para que o Brasil pudesse continuar se beneficiando do conflito econômico e diplomático mencionado.

# Conclusão

 Primeiramente, Enrique García apresenta uma proposta para o crescimento da América Latina que se baseia no incentivo econômico, tendo como base o fortalecimento de sua infraestrutura, principalmente na questão da produtividade. Ele menciona, inclusive a necessidade de uma preocupação ambientar nesse desenrolar econômico, citando a sustentabilidade como pilar a ser pensado. Entretanto, é possível estabelecer uma crítica a essa sugestão, considerando que o sistema econômico vigente é o capitalismo: a sustentabilidade é extremamente dificultada com a integração de países que usufruem dos recursos naturais de outros que não se inseriram completamente no mundo industrial-financeiro, formando uma relação de dominação. Em contrapartida, a proposta de convergência entre blocos econômicos mostra-se extremamente necessária, visto que o fluxo de informações e investimentos latino-americanos não é tão representativo no MERCOSUL quanto seu potencial de recursos e crescimento se mostra.

 Em seguida, Simone Casabianca-Aeschlimann explicita o papel do Comitê Internacional da Cruz Vermelha no mundo e sua atuação em conflitos como mediador, mantendo a neutralidade, imparcialidade e independência em relação a seu envolvimento mundial. Quanto à atuação do Comitê no Brasil, aponta-se que é notável a necessidade de implementar novos sistemas de desburocratização e de maior acessibilidade às informações existentes para que o desenvolvimento do trabalho da organização possa se efetivar sem maiores desafios que os próprios dilemas a serem mediados.

 Roberto Teixeira da Costa, por sua vez, ao analisar o desenrolar do mercado de capitais ao longo da história brasileira no século XX, aponta as diversas oscilações ocorridas na economia do país, em especial as crises. O economista demonstra que existe uma lacuna de conhecimento no mercado de ações pelos brasileiros, o que resultou como fator desses desníveis econômicos e do não aproveitamento do potencial investidor nos setores púbico e privado. Nesse sentido, o estudo, aprofundamento e incentivo prático e acadêmico à relação Brasil e mercado de capitais torna-se um ponto a ser discutido e transformado em meta para avançar economicamente e evitar que novas crises decorridas do desconhecimento ocorram.

 Finalmente, Marcos S. Jank estuda as relações norte-americanas e chinesas e suas influências na economia brasileira. Como apontado pelo professor, é pertinente que o Brasil trabalhe seus esforços no setor de exportação agropecuário para que, com o eventual fim e solução das barreiras China e Estados Unidos, o crescimento econômico obtido não se perca, mas, sim, seja mantido com novos acordos e relações futuras. Também é necessário um aprimoramento tecnológico da produção, embora ela já tenha se mecanizado suficientemente, a fim de que as perdas sejam minimizadas, os recursos naturais brasileiros aproveitados e a internacionalização efetivamente instaurada.

 A partir das informações apresentadas e das palestras analisadas, conclui-se que o continente americano necessita de implementações que facilitem e desenvolvam suas relações com os demais países. A bastante explorada guerra comercial, a Revolução Tecnológica, os investimentos financeiros e os outros aspectos abordados representam trechos e situações potenciais que inserem o Brasil no mundo e, ao mesmo tempo, evidenciam dificuldades que o retiram de completa participação. Desse modo, o estudo das relações internacionais identifica aspectos que ultrapassam realidades momentâneas e expandem a visão acerca dos caráteres social, financeiro, estrutural e, principalmente, do próprio Brasil.

# Bibliografia

*Arena do Pavini.* 27 de fevereiro de 2018. https://www.arenadopavini.com.br/arena-especial/apos-24-anos-roberto-teixeira-da-costa-fundador-da-cvm-deixa-conselho-da-sulamerica (acesso em 02 de outubro de 2019).

*Desafios da América Latina: tema da Cátedra José Bonifácio da USP.* 10 de abril de 2019. https://www.youtube.com/watch?v=w3\_ilep-xPU (acesso em 22 de agosto de 2019).

*Insper.* 07 de junho de 2019. https://www.insper.edu.br/noticias/marcos-jank-reforca-o-time-de-pesquisadores-do-insper/ (acesso em 02 de outubro de 2019).